



Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
Programa de Pós-graduação Educação: Currículo
Revista e-curriculum ISSN: 1809-3876

PAULO FREIRE: IMPORTÂNCIA E ATUALIDADE DE SUA OBRA

**THE IMPORTANCE AND CURRENT RELEVANCE OF PAULO FREIRES'S
WORK**

FÁVERO, Osmar

Doutorado em Educação pela PUCSP

Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense

e-mail: ofavero@gmail.com



Revista e-curriculum, São Paulo, v.7 n.3 DEZEMBRO 2011
EDIÇÃO ESPECIAL DE ANIVERSÁRIO DE PAULO FREIRE
<http://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum>



RESUMO

Este artigo apresenta Paulo Freire como importante educador brasileiro, como teórico ou filósofo da educação e como homem íntegro. Afirma que o conjunto de sua obra não apresenta contradições; ao longo dela desenvolve temas recorrentes, que são progressivamente revistos, complementados e ampliados. Aponta a relevância do princípio de libertação defendido por ele e suas categorias fundamentais: esperança, práxis (a prática desenvolvida e refletida para ser realizada como nova prática), conscientização, cultura e diálogo. Afirma ainda que a dimensão ética da pedagogia de Paulo Freire é o que lhe confere intensa atualidade e distinguida importância, podendo ser designada como uma *pedagogia do direito à educação*. Conclui indicando várias formas de ler Paulo Freire.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos; Educação Popular; Paulo Freire.

ABSTRACT

This article presents an important Brazilian educator, Paulo Freire, as a theorist or philosopher of education and a man of integrity. It states that the set of his work shows no contradictions; along it develops recurrent themes, which are progressively revised, supplemented and extended. It points out the relevance of the principle of liberation defined by him and his fundamental categories: hope, praxis (practice developed and reflected to be carried out as a new practice), awareness, culture and dialogue. The ethical dimension of the pedagogy of Paulo Freire is what gives intense current importance and distinguished, may be designated as pedagogy of the right to education. In the conclusion, several ways to read Paulo Freire's work are presented.

Key words: Adult Education; Popular Education; Paulo Freire.





POR QUE LER PAULO FREIRE?

Podemos ler Paulo Freire por ter sido um crítico da escola do ensino “bancário”, criador de um “sistema de alfabetização de adultos”, importante no Brasil do início dos anos de 1960, re-experimentado no Chile e depois na Guiné-Bissau.

Podemos ler Paulo Freire também por ser um grande educador que colocou a educação como um instrumento privilegiado de entendimento, crítica e transformação da realidade. Desta perspectiva, o vemos como um teórico ou um filósofo da educação.

Mais que isto, podemos ainda ler Paulo Freire por ter sido um homem íntegro que se dedicou à causa da educação, tendo em vista a libertação dos “oprimidos”.

O QUE APRENDER COM PAULO FREIRE?

Uma primeira constatação: a obra de Paulo Freire, no seu conjunto, não apresenta contradições. Desde os primeiros escritos, trabalha sobre temas recorrentes, explicitando, revendo, complementando, ampliando. É um caminho em espiral, *coerente* todo o tempo.

É fácil identificar também a *libertação* como o princípio fundamental de sua concepção de educação, presente já nos primeiros escritos e claramente assumido desde a *Pedagogia do oprimido*. Esse princípio provém do humanismo cristão, de raízes europeias, sobretudo francesas, reelaboradas no Brasil. Na segunda metade dos anos de 1950 e no início dos anos de 1960, cristãos “progressistas” procuram concretizar, inicialmente na Ação Católica, da qual Paulo Freire fez parte, depois nos movimentos de cultura e educação popular, dos quais Paulo Freire foi um dos grandes animadores, sua opção por um trabalho social e político, decorrente de sua vivência religiosa.

Já está bastante estudado o movimento de intelectuais universitários e secundaristas que se lançaram ao encontro de operários e camponeses e estudantes, numa tentativa de interlocução com os mesmos, tendo em vista introduzir, principalmente no início dos anos de 1960, no bojo do governo populista de Jango Goulart, mudanças radicais na sociedade brasileira, designadas como “reformas de base”. Por maiores que sejam as críticas ao populismo e ao vanguardismo e mesmo à pretensa “ingenuidade” desses participantes e movimentos aos quais estavam ligados, não se pode negar, individualmente, a honestidade da opção de muitos e, coletivamente, a riqueza até hoje não repetida dos então chamados





movimentos de cultura e educação popular. O preço pago por essa opção, por Paulo Freire inclusive, foi alto: prisão e exílio de muitos, “cassação branca” dos que permaneceram no país. Os movimentos, por sua vez, com exceção do MEB - Movimento de Educação de Base, por ser ligado à Igreja católica, foram extintos.

Esse caminho não foi feito isoladamente por Paulo Freire. Foi o caminho de toda uma geração, jovem em sua maioria, que Paulo Freire pode entender e orientar e da qual soube colher o que de mais rico tinha a oferecer: a opção pela construção de um projeto de transformação da realidade, no qual à educação, entendida e praticada como ato político, era reservado papel fundamental.

É importante entender Paulo Freire como o educador que, naqueles anos, melhor sintetizou e sistematizou o essencial das propostas educativas de então, no primeiro momento, como um sistema de educação de adultos, experimentado na sua primeira fase de alfabetização, da qual *Educação como prática da liberdade* é o fundamento e o relato. Logo mais, essa proposta é aprofundada teoricamente na experiência de alfabetização de adultos do Chile, em condições de trabalho que lhe permitiram o diálogo enriquecedor com parceiros destacados, brasileiros exilados e chilenos comprometidos com reformas radicais em seu país, no Governo Allende. Essa oportunidade e esses contatos permitiram a Paulo Freire um mergulho na literatura marxista, cujo produto é a *Pedagogia do oprimido* (Paz e Terra, 1975). Mas não só; *Extensão ou comunicação?* (Paz e Terra, 1970) amplia enormemente a abordagem da educação como um fato cultural e os escritos reunidos em *Ação cultural para a liberdade* (Paz e Terra, 1976) explicitam conceitos fundamentais, clareiam afirmações, reafirmam as principais categorias de análise.

A (re)leitura dessas obras nos mostra como Paulo Freire vai ampliando a primeira noção, ainda abstrata, de pessoa humana para ao conceito de oprimido, situando-o e datando-o, como exigência das próprias experiências feitas, e progressivamente incorporando, em suas análises, a categoria de classe social. Mais tarde, inclusive por aceitação de críticas a ele feitas, passou a incorporar também as noções de etnia e gênero, ampliando cada vez mais a abrangência dos mesmos conceitos.

O motor da explicitação dos fundamentos da obra de Paulo Freire é a prática por ele desenvolvida e por ele refletida (ou reflexionada, como preferia dizer). Trata-se da categoria





práxis, ou seja, o movimento ação/reflexão/ação. É significativo que, desde as primeiras experiências como educador, ainda no SESI de Pernambuco, Paulo Freire pensasse a educação de jovens e adultos a partir dos problemas vividos por esses jovens e adultos e orientasse sua prática no sentido de assumir esses problemas como “situações de aprendizagem”. Ou seja: compreender e fazer compreender as raízes desses problemas, na crítica a uma sociedade injusta e a um sistema econômico-social excludente. Daí a valorização do “saber de experiência feito” para, refletindo sobre ele, criticando-o, ampliando-o, entender a realidade para transformá-la.

Encontramos presente em toda sua obra também a categoria *esperança*: o homem faz a história; o homem pode mudar o mundo. É limitado, contingenciado pelas condições concretas da realidade, mas não é determinado por elas. Pode, e deve, mudar o mundo, com sua inteligência e com sua ação. Por sua vez, a educação é, ou deve ser, instrumento dessa ação, na medida em que possibilita ao homem tomar consciência da realidade em que vive e, em consequência, agir para transformar essa realidade, tendo em vista a construção de uma sociedade justa e fraterna.

Decorre daqui a categoria *conscientização*, utilizada por Paulo Freire e pelos participantes da maioria dos movimentos de cultura e educação popular do início dos anos de 1960. Mas a educação para Paulo Freire não se restringe ao ensino escolar, nem muito menos ao treinamento profissional. Trata-se da formação do homem, considerado como ser inacabado, em permanente processo de auto-formação.

Entender o homem como ser inacabado e a educação como processo permanente de “acabamento” decorre de ampla discussão, em âmbito mundial, provocada pelas limitações dos sistemas escolares e que deu origem aos estudos de educação permanente e às propostas de educação continuada.¹ Embora teoricamente promissores, esses estudos foram e têm sido mal-entendidos e mal-aplicados, ou simplesmente reduzidos pragmaticamente à reconversão profissional. No caso brasileiro, seu uso foi restringido no que diz às propostas de ensino supletivo, nos anos de 1970, e, atualmente, na formação continuada dos profissionais da

¹ Entre nós, essas noções foram trabalhadas particularmente por Pierre Furter, na ocasião perito da Unesco no Brasil e depois na Venezuela, principalmente em seus livros *Educação e vida* (Vozes, 1966) e *Educação permanente e desenvolvimento cultural* (Vozes, 1974).





educação. Mas é pedra fundamental na *pedagogia de Paulo Freire*. Na medida em que se queira, por exemplo, ainda, criar uma nova organização curricular para o ensino regular noturno e para o ainda existente ensino supletivo, ou para a educação de jovens e adultos, efetivamente tem-se de tomar como ponto de partida a experiência vivida (e sofrida) por esses jovens e adultos. Essa opção exige trabalhar, em outro nível e com auxílio de outros instrumentos, o saber provindo dessa experiência, vivido e aprendido. E exige também que os educadores se re-eduquem, nesse trabalho e para este trabalho, ainda e sempre na práxis, como ação/reflexão/ação.

Nesse processo, é fundamental partir da *cultura*, entendida como conjunto de significações e representações de um modo de viver, confrontado com outros modos de viver. Nos anos de 1960, a “descoberta” da cultura e da cultura popular, esta para muito além do folclore, como fundantes de todo o processo educativo foi seguramente um dos pontos mais ricos das experiências criadas. Suas origens são diversas: Germano Coelho, no MCP – Movimento de Cultura Popular, e Vera Jaccoud, no MEB – Movimento de Educação de Base, redefiniram criativamente, para o Brasil, perspectivas e propostas nascidas na Europa, sobretudo na França; Moacyr de Góes, na Campanha “De pé no chão também se aprende a ler”, assume o mote que nos chegou, acredito, pela Revolução Cubana: “Nenhum povo é dono de seu destino se antes não é dono de sua cultura”; Carlos Estevam e Ferreira Gullar também assumiram para o CPC – Centro Popular de Cultura da UNE – União Nacional de Estudantes conceitos específicos de cultura e de cultura popular, com outras conotações. A colaboração mais acabada veio do entendimento do século XX como o momento da “civilização da cultura”, proposto por Pe. Henrique de Lima Vaz, S.J. e assumido, em termos de cultura popular, pela AP - Ação Popular e pelo MEB. Mas, coube a Paulo Freire e sua equipe no Serviço de Extensão Cultural da então Universidade do Recife, genialmente, com base no conceito antropológico de cultura, criar as famosas “fichas de cultura” que inauguraram o sistema de alfabetização de adultos, no caso brasileiro, e o sistema psicossocial, no caso chileno. Foi a partir dessa sistematização que Paulo Freire elaborou, ainda nos início dos mesmos anos 1960, uma nova concepção de educação de adultos, com ampla aceitação pela maioria dos movimentos de educação e cultura popular, e lançou as bases para uma nova concepção geral de educação.





Outra categoria fundamental na *pedagogia freireana*, desde a experiência dos “círculos de cultura” adotados no sistema de alfabetização de adultos, mas presente em toda ação cultural e educativa é o *diálogo*: ninguém educa ninguém; os homens (e as mulheres, dirá Paulo Freire depois) se educam numa relação dialógica, de saberes e afetos. O diálogo viabiliza metodologicamente o movimento da práxis: partir do vivido e do sabido (se quisermos, partir do senso comum), discuti-lo, criticá-lo, ampliá-lo (na direção do bom senso), para daí não só mudar sua visão de mundo, mas transformar o mundo. Vale lembrar uma frase várias vezes repetida por Paulo Freire, para a alfabetização: não apenas ler a palavra, mas ler o mundo através da palavra, para transformá-lo.

A partir daquele princípio fundamental e dessas categorias, recoloca-se a função política da educação e o papel simultâneo de competência técnica e compromisso político do educador, cuja ação deve ser fundamentalmente *ética*, no respeito ao educando, que é também educador, e na coerência de sua ação. Esses elementos definem uma nova pedagogia, a *Pedagogia de Paulo Freire*. Embora formulada inicialmente como educação de adultos e experimentada como alfabetização de adultos, de fato encontra-se em Paulo Freire uma *pedagogia como concepção geral de educação*.²

O fundamento antropológico de sua pedagogia é o ser humano como ser inacabado e de comunicação, e a sua vocação para ser mais. Por isso, o amor e a esperança são uma necessidade ontológica. Mas a história é uma possibilidade que se realiza num cenário de politicidade, onde é impossível a neutralidade. Por consequência, a educação é fundamentalmente uma questão e uma forma de poder, cuja legitimidade deve ser problematizada. Daí a centralidade da eticidade da educação.

Em síntese, a pedagogia de Paulo Freire é revolucionária; é um resgate do sentido da utopia. E é exatamente sua dimensão ética que lhe confere intensa atualidade e distinguida importância. Em termos radicais, é uma *pedagogia do direito à educação*.³ Por isso a permanência de sua obra e de seu pensamento; por isso, a atualidade de sua pedagogia.

² Argumentação desenvolvida por Agostinho Reis Monteiro, da Universidade de Lisboa, na comunicação “Paulo Freire e o direito à educação”, apresentada no I Encontro Internacional sobre Paulo Freire (São Paulo, Instituto Paulo Freire, abril de 1998). O trecho transcrito está na pág. 8 dessa comunicação..

³ Conforme Agostinho Reis Monteiro, citado, p. 10.





COMO LER PAULO FREIRE?

Podemos fazer uma “leitura cronológica” de suas obras, desde seus primeiros até os últimos escritos livros publicados, procurando conferir a evolução do seu pensamento, o explicitação de suas idéias e o amadurecimento da abordagem feita sobre vários temas, sempre tendo a educação e a relação educador/educando como tema fundamental.⁴

Podemos – e devemos – iluminar essas leituras com suas obras “memorialísticas”, especialmente *Pedagogia da esperança* (1992), *Cartas à Cristina* (1994) e *À sombra desta mangueira* (1995), nas quais Paulo Freire falta de sua vida, de sua aprendizagem, de seus contatos e também da sua produção.

Podemos complementar essas leituras com as obras de Paulo Freire entrevistado por outros autores, ou em diálogo com eles, respondendo a questionamentos e reelaborando muitas de suas afirmações.

Finalmente, podemos ler os escritos *sobre* Paulo Freire: livros, artigos, dissertações teses etc., em grande número, embora nem sempre disponíveis, que apresentam como educador, como pedagogo, como teórico ou filósofo da educação, que selecionam e aprofundam conceitos contidos em sua obra, que analisam suas ações ou o confrontam com outros autores.

Acima de tudo, aceitando provocação feita por ele mesmo, em várias ocasiões, podemos ler Paulo Freire não apenas para entendê-lo, mas pra recriá-lo, reinventá-lo em nosso modo de ser e em nossas ações.

⁴ Este é o itinerário do excelente livro *Paulo Freire*, preparado por Celso de Rui Beisiegel para a Coleção Educadores do MEC, distribuído para as escolas e disponível no site MEC/Domínio Público.

